



## DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: LETRAMENTOS EM TEMPO DE PANDEMIA NOS ANOS INICIAIS NO POLO EDUCACIONAL TESSALÔNICA EM IRITUIA- PA

## CHALLENGES OF FIELD EDUCATION: LITERACIES IN TIMES OF PANDEMIC IN THE EARLY GRADES IN THE EDUCATIONAL POLE TESSALÔNICA IN IRITUIA- PARÁ

**Maria Jacione da Silva Freitas**

Discente do curso de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos  
Agroalimentares / [jacigeografia@outlook.com](mailto:jacigeografia@outlook.com)

**Jeane Cleide Bernardino Nascimento**

Discente do curso de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos  
Agroalimentares/ [jeane.nascimento@ifpa.edu.br](mailto:jeane.nascimento@ifpa.edu.br)

**Miranilde Oliveira Neves**

Professora no Campus Castanhal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
[miranilde.oliveira@ifpa.edu.br](mailto:miranilde.oliveira@ifpa.edu.br)

**Área Temática:** Educação Profissional e Tecnológica, Educação do Campo e Educação de jovens e Adultos

**Modalidade:** Artigo Científico

### Resumo

O presente trabalho discute as práticas de letramentos dos professores dos anos iniciais, suas vivências e experiências com as atividades de leitura e escrita no contexto de aulas remotas, devido à pandemia do Covid - 19. O objetivo do estudo é analisar os desafios da Educação do campo nas práticas de letramentos em tempos de pandemia nos anos iniciais no Polo Educacional Tessalônica em Irituia- Pará. O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário em formato eletrônico, gerado pela plataforma google *forms*, com uma pergunta objetiva e seis subjetivas, em relação à condução das aulas, no período de isolamento social. Para tanto, a pesquisa fundamentou-se em autores que discutem os letramentos, bem como a educação do campo, numa perspectiva de formar o aluno para dominar as práticas de interações comunicativas, presentes no seu cotidiano. Na tentativa de manter os educandos envolvidos em atividades educacionais, os professores utilizaram atividades impressas para trabalhar as práticas de letramentos e assim, avançar no processo de aprendizagem dos educandos dos espaços rurais.

**Palavras-Chave:** Letramentos. Educação do campo. Aulas remotas. Leitura e escrita.



## 1. Introdução

*Eu quero uma escola do campo  
Que seja o símbolo da nossa semente  
Que seja como a nossa casa  
Que não seja como a casa alheia.  
(Gilvan Santos)*

No decorrer dos anos, temos visto uma ampla discussão sobre a educação do campo, que respeite os saberes dos sujeitos. Isso tem permitido pensar que é necessário valorizar a utopia de que os territórios dos povos dos rios, dos campos e das florestas na Amazônia Paraense serão respeitados e que as vidas que habitam neles importam, que as histórias dos nossos estudantes podem ser tão importantes quanto as escritas nos livros didáticos.

No final do ano de 2019, o mundo foi surpreendido com uma nova doença contagiosa causada por um vírus, coronavírus, que tomou proporções gigantescas, espalhando-se rapidamente e tornando-se uma pandemia. Os hábitos e as necessidades mudaram em diversas áreas e na educação não foi diferente, principalmente, na educação do campo da Amazônia Paraense, a qual apresenta diversas precariedades, em especial, no que tange às escolas que trabalham com turmas multisseriadas. Nesse sentido, aponta Hage (2020, p.1) “O currículo e os materiais pedagógicos pouco identificados com a realidade do campo... enfim, múltiplas questões que impactam na identidade da escola e na organização do trabalho pedagógico, resultando no fracasso escolar dos sujeitos do campo.”

Com o intuito de impedir o contágio, o Ministério da Educação (MEC) por meio das portarias, nº 343 de 17 de março de 2020; nº 345, de 19 de março de 2020; nº 473 de 12 de maio de 2020 e nº 544 de 17 de maio de 2020, obrigou a utilização de um novo formato de ensino, denominado ensino remoto, na tentativa de manter o vínculo do estudante com a escola. Diante dessa nova conjuntura, os professores foram obrigados a sair da sua “zona de conforto” e pensar em novas metodologias para dar continuidade ao seu trabalho e não prejudicar a aprendizagem dos educandos.

Diante da conjuntura que se configurou, houve a necessidade de compreender como ocorreram as práticas pedagógicas dos professores do Polo Educacional Tossalônica em



Irituia-Pará, nas atividades que envolvem leitura e escrita como práticas de letramentos no período de aulas remotas.

O objetivo deste artigo foi analisar os desafios da Educação no Campo nas práticas de letramentos em tempos de pandemia nos anos iniciais no Polo Educacional Tessalônica em Irituia-Pará, com foco nas estratégias de ensino utilizadas pelos professores na construção e execução das suas atividades pedagógicas, envolvendo práticas de leitura e escrita, com o intuito de alcançar a aprendizagem do educando por meio do ensino remoto.

As discussões foram baseadas nos seguintes autores: Caldart (2009); Harasim at. al (2005); Soares (2004); Marcuschi (2010); Kleiman (2008); Freire (2002) e Arroyo (2004).

## 2. Metodologia

A educação do campo precisa ser trabalhada de forma diferenciada da educação do espaço urbano, Caldart (2009, p.42), explicita que “[...] considerar a realidade do campo na construção de políticas públicas e de pedagogia, significa considerar os sujeitos da educação e considerar a prática social que forma estes sujeitos como seres humanos e como sujeitos coletivos [...]”. Estamos de acordo com a colocação da pesquisadora de que a realidade do estudante precisa ser levada em conta, principalmente no período da pandemia. Uma das leis importantes nos marcos legais na garantia da educação aos sujeitos do campo, é a LDB – Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (Lei n.º 9.394/96), a qual no seu artigo 28, estabelece as normas para a educação do campo:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de sua região, especialmente: I- conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola às condições climáticas; III- adequação à natureza do trabalho na zona rural ( BRASIL, 1996, s/p).

A lei é clara quando diz que os sistemas de ensino precisam promover adaptações aos sujeitos da área rural. Dessa forma, é necessário que no período da pandemia esses sujeitos tenham acesso à educação pública e de qualidade, pois é um direito de cada um e de cada uma independente da situação; e por ser obrigação do estado brasileiro de garantir esse direito.



A pesquisa aconteceu na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Tesselônica, localizada na Vila de Tesselônica, às margens da PA - 253 que liga os municípios de Irituia e Capitão Poço. A referida escola foi fundada em 27 de agosto de 1969. Sendo uma das principais instituições sociais que compõem a comunidade. A escola é considerada um Polo, porque centraliza e administra suas atividades e das escolas menores, localizadas em outras comunidades. Por sua vez, as extensões, ou anexos, são as escolas menores ligadas à Escola Polo.

Foram participantes dessa pesquisa nove professores Formadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental menor das escolas do polo educacional Tesselônica, localizada na área rural especificamente na Vila Tesselônica no município de Irituia no estado do Pará.

Com o intuito de desenvolver uma discussão teórica sobre o assunto apresentado, a pesquisa pretendeu conhecer as técnicas apresentadas pelos professores do Polo Educacional Tesselônica em Irituia-Pará, no período de pandemia. O estudo possui uma abordagem qualitativa. Em sentido amplo, a pesquisa qualitativa utiliza métodos que evidenciam a importância de interpretação do objeto de análise. Tendo em vista a importância do referido tema, então, para que os resultados fossem analisados, a construção metodológica desse estudo ocorreu por meio de questionários por meio da plataforma *Google forms*, com questões pertinentes no que diz respeito às práticas de letramentos nas aulas, dos anos iniciais do Polo Educacional Tesselônica, Irituia- PA.

### 3. Resultados/Discussões

A pesquisa realizada no polo educacional de Tesselônica em Irituia-PA, nos faz refletir sobre o atual cenário que se encontra o processo de aprendizagem dos estudantes do campo no período da pandemia, pois o que veremos a seguir é um “retalho” da realidade de muitas escolas dos territórios rurais da Amazônia e de outras regiões do Brasil. Como bem ressalta (Caldart, 2009), “A Educação do campo se coloca em luta pelo acesso dos trabalhadores ao conhecimento produzido na sociedade e ao mesmo tempo problematiza, faz a crítica ao modo de conhecimento dominante e à hierarquização epistemológica própria desta sociedade”. (CALDART, 2009, p. 38).

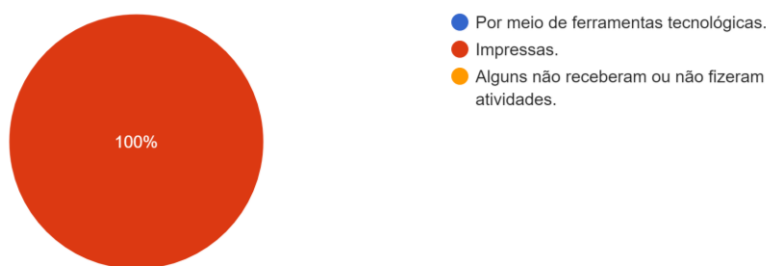
No período da pandemia o estudante do campo, conheceu mais uma faceta da exclusão social, o “caminho ficou mais longo” do que antes, no que se refere ao acesso do



conhecimento por meio da escola. Essa realidade é perceptível nos elementos dos educadores (as) entrevistados, ao declararem que as atividades recebidas pelos estudantes no período da pandemia foram somente impressas, o que certamente deve ter causado muitas dificuldades para os estudantes, pois são estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, dos quais muitos ainda estão em processo de alfabetização; e privados da presença dos professores, contando muitas das vezes com o apoio dos pais, que na maioria, não tiveram acesso à escolarização, ou seja, é um processo desigual e que gera injustiça social. É preciso oferecer aos estudantes inúmeras oportunidades de aprender a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam.

[...] Todos aprendem juntos, não em um local no sentido comum da palavra, mas num espaço compartilhado, um “ciberespaço”, através de sistemas que conectam em uma rede as pessoas ao redor do globo. Na aprendizagem em rede, a sala de aula fica em qualquer lugar onde haja um computador, um “modem” e uma linha de telefone, um satélite ou um “link” de rádio. Quando um aluno se conecta à rede, a tela do computador se transforma numa janela para o mundo do saber. (HARASIM et al., 2005, p.19).

No período da pandemia, muitos professores utilizaram ferramentas tecnológicas para se aproximar dos estudantes, mas infelizmente nem todos os estudantes puderam ter acesso a essa ferramenta, principalmente, os estudantes do campo. É o que demonstra o gráfico a seguir:



Google forms 2021

O gráfico demonstra que as atividades impressas foram o único meio de acesso dos estudantes. Elas são uma espécie de apostila, que recebem todos os componentes curriculares, e sem a presença do(a) professor(a) para auxiliar. Como educadoras e conhecedoras dessa realidade, sabemos que somente essa estratégia não é suficiente para garantir o processo de aprendizagem do estudante camponês. Concordamos com as pesquisadoras de que é preciso



“a construção de estratégias pedagógicas capazes de superar os limites da sala de aula (MOLINA e FREITAS, 2011, p.27).

Dentro dessas estratégias pedagógicas, destacamos as práticas de letramentos como um suporte que venha a contribuir com o estudante do campo. De acordo com Soares (2004), na sua obra “Letramento e alfabetização as muitas facetas”, a autora ao falar da invenção do termo letramento, explica que um fato curioso, que dever ser considerado, é que ele surge ao mesmo tempo, em espaços geograficamente diferentes, com a necessidade de valorizar as práticas sociais de leitura e escrita, que vão além de ler e escrever. Assim “[...] em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil”. (SOARES 2004, p.6). Assim, alfabetização e letramento, embora tenham suas especificidades, estão lado a lado, no processo de leitura e escrita, e nessa perspectiva, ser letrado é fazer uso de tais modalidades da linguagem, mas sobretudo, interpretar tal ação.

Questionamos aos professores sobre os principais desafios enfrentados por eles para trabalhar letramentos com os estudantes do campo, durante esse período de pandemia, e eles destacaram a falta de tecnologias; dificuldades em alfabetizar por meio de atividades remotas; os responsáveis não conseguiram compreender as atividades propostas, dificultando as aprendizagens dos estudantes. Como mencionamos anteriormente, a escolarização no período da pandemia foi um processo complicado, isso é fruto de um modelo de educação que tem sido construído ao longo dos anos; modelo ainda tecnicista, descontextualizado com a vida do estudante, e a pandemia que exigiu isolamento social, isolou também o direito de os estudantes camponeses aprenderem. De repente, se a escola estivesse mais integrada com a vida social do estudante, ele não teria ficado tão ausente do conhecimento.

Na perspectiva “É relevante incorporar no trabalho a materialidade da vida real dos educandos, a partir da qual se abre a possibilidade de ressignificar o conhecimento científico que, em si mesmo, já é produto de um trabalho coletivo”. (MOLINA E FREITAS 2011 p. 26). Os letramentos devem ser direcionados à vida real dos educandos. Nesse sentido, Kleiman (2008, p. 489) apresenta o estudo dos letramentos como o “estudo das práticas relacionadas com a escrita em toda atividade da vida social” assim, a pesquisadora mostra que não é uma prática que acontece somente na escola, fazendo parte do cotidiano do estudante, perpassando pelo campo da educação em suas múltiplas possibilidades, mas a ação de letrar se concretiza



de fato no lugar que o sujeito está inserido. Na mesma perspectiva, Marcuschi (2010, p.126) discorre:

O letramento, por sua vez, é o uso da escrita na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas sabe o valor do dinheiro, sabe o ônibus que deve tomar, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas e sabe muita outra coisa, mas não escreve cartas nem lê jornal, até o indivíduo que desenvolve tratados de filosofia e matemática. Como se disse acima[...] letramento distinguir-se-ia de alfabetização, podendo, eventualmente, envolvê-la.

Com base nas concepções de Marcuschi, ele vai ao encontro da necessidade do educador do campo em valorizar as práticas sociais de linguagem dos estudantes camponeses, uma vez que é necessário que o conhecimento ensinado em sala de aula, das escolas do campo possam estar conectadas com as situações reais de aprendizagem. Assim, o uso da escrita precisa existir de forma concreta nas atividades presentes no cotidiano dos sujeitos do campo.

De acordo com os educadores entrevistados, as metodologias usadas para trabalhar os letramentos, envolvendo a leitura e a escrita foram: livros e atividades impressas; método silábico, como: texto pequeno, conto, reescrever a leitura etc; recortes e colagem; gêneros textuais. Kleiman (2008), afirma que se há muitas possibilidades de se trabalhar com leitura e escrita, enfatiza que “Há muitas outras modalidades hoje (as novas tecnologias facilitam o uso de imagens, sons, na representação da informação), e nos espaços [...]” KLEIMAN 2008, p.493).

O grande educador Paulo Freire apresenta a leitura como prática social, é enfático ao falar que ela é o resultado de um processo. Freire foi o grande defensor de uma aprendizagem libertadora e transformadora e trata a leitura como algo concreto ao dizer que

Leitura resulta a percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo. No fundo, esse conjunto de representações de situações concretas possibilita aos grupos populares uma leitura da leitura anterior do mundo, antes da leitura da palavra. Essa leitura mais crítica da leitura anterior menos crítica do mundo possibilita aos grupos populares, às vezes em posição fatalista em face de injustiças, uma compreensão diferente da sua indigência (FREIRE, 2002, p. 21).

Esta visão apresentada por Freire, acerca da leitura como prática social, nos faz refletir o quanto que os territórios carregados de tantas culturas são desvalorizados, quantas “leituras territoriais” são deixadas de serem realizadas por conta da perpetuação de um ensino



tecnicista e com base nos preceitos capitalistas.

Arroyo (2004, p.74) defende que os profissionais da educação precisam compreender os alunos: “como sujeitos de história, de lutas, como sujeitos de intervenção, como alguém que constrói, que está participando de um projeto social, por isso que a escola tem que levar em conta a história de cada educando e das lutas do campo”. Sobre o progresso dos alunos no que tange ao desenvolvimento da leitura e da escrita, durante o período da pandemia, a maioria dos educadores, 7 dos 9, responderam que foi insuficiente, pois houve poucos avanços, devido à ausência do professor e o pouco conhecimento sobre práticas de leitura e escrita.

As aulas não-presenciais prejudicaram, de alguma forma, o desenvolvimento da leitura e da escrita durante o período de isolamento social. De uma forma geral, os educadores sinalizaram que a ausência do professor com o estudante foi um agravante no desenvolvimento da leitura e da escrita. Como explicitado por um dos entrevistados, “Sim, pois a maioria dos alunos só fazem leitura porque o professor ler junto com a turma, estimula esse aluno a ler, e em casa o aluno não tem esse estímulo”. (*Educador 4*)

No que se refere às ações para melhorar a leitura e a escrita dos estudantes nesse período de risco de contaminação da covid 19, os professores propuseram a realização de oficinas, formação voltada para o tema leitura e escrita. Ao questionarmos se os professores realizaram atividades com metodologias inéditas no que diz respeito às práticas de letramentos, a maioria respondeu que não realizou. Nessa perspectiva, “Há a necessária ênfase no reconhecimento dos processos produtivos nos quais estão inseridos os camponeses locais, bem como no reconhecimento das origens e raízes históricas das comunidades [...]”. (MOLINA, 2017, p.597).

A reflexão apresentada por Molina mostra a importância que se tem do educador trabalhar com práticas pedagógicas que de fato valorize os conhecimentos dos estudantes camponeses. A pesquisa demonstra o quanto que ainda se precisa avançar, ainda há muitas porteiras a serem quebradas, para que se rompa com o latifúndio do saber; mas como bem poetisa Tiago de Melo no seu poema madrugada camponesa “Faz escuro ainda no chão, mas é preciso plantar”. Que plantemos a esperança de que aulas mais contextualizadas com as realidades dos estudantes camponeses com uma educação do campo, do jeito do campo, pensado com os sujeitos e não para os sujeitos do campo.





#### 4. Considerações Finais

O presente artigo enfatizou a importância das práticas sociais de leitura e escrita no 1º ao 5º ano do ensino Fundamental no período de aulas remotas, e nos fez perceber a ineficiência das atividades remotas, a pesquisa mostrou que as atividades impressas não foram suficientes para proporcionar um processo de ensino e aprendizagem significativo. Nessa perspectiva, é importante salientar que se notou a ineficiência do estado quanto às suas obrigações com a educação do campo, quando ele se omite de oferecer as condições mínimas para que aconteça uma educação do campo, pública e de qualidade.

As práticas de letramentos são de extrema importância no processo de leitura e escrita do 1º ao 5º ano do ensino fundamental para que os sujeitos do campo possam ser letrados. Acredita-se que o profissional dos anos iniciais tem muitos desafios para realizar o processo de leitura e escrita, pois precisa identificar a realidade vivida de cada criança, seus hábitos, costumes, conhecer o local onde está inserido, buscando então, a criticidade de uma aprendizagem que proporcione o verdadeiro sentido de ler e escrever.

Percebeu-se, também, que além de desafios, há possibilidades reais para que o processo dos letramentos aconteça, pois tem se expandido o entendimento do termo letramentos. Assim, o professor compreendendo como ocorre, ele terá oportunidades de aplicar com êxito na sala de aula. Diante de tudo isso, fica a certeza de que é preciso resistir e lutar, para que a educação do campo, ocupe o espaço que ela precisa, e nesse processo de resistência, o professor precisa aproximar a escola da comunidade, o professor sendo o mediador do conhecimento, poderá plantar sementes de esperança no coração de quem poderá não somente lê sua realidade, mas transformá-la; por fim, mesmo que os tempos estejam difíceis, não esquecer que é preciso semear sempre.

#### 5. Referências Bibliográficas

ARROYO, M. G. **Políticas de formação de educadores(as) do Campo**. Caderno CEDES, v.27, n.72, pp.157-176. maio/agosto 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n72/a04v2772.pdf>. Acessado em 11 de out. de 2021.



BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 345, de 19 de março de 2020. Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020. Diário Oficial da União: seção 1 - extra, Brasília, DF, p. 1, 19 mar. 2020b. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13788/43/43>. Acesso em: 13 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Portaria n.º 345, de 19 de março de 2020. Altera a Portaria MEC n.º 343, de 17 de março de 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-345-de-19-de-marco-de-2020-248881422>. Acesso em: 09 out. 2021.

BRASIL, Ministério da educação. Portaria nº 473 de 12 de maio de 2020. Brasília, 13 mai. 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-473-de-12-de-maio-de-2020-256531507>. Acesso em: 09 out. 2021.

BRASIL. MEC. Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em: 08 out. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei número 9394 de 20 de dezembro de 1996.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo: notas para uma análise de percurso.** Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em 15 de out. 2021.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler.** 43 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

HARASIM, Linda et al. **Redes de aprendizagem: Um guia para ensino e aprendizagem online.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

KLEIMAN, A. B. modelos de letramentos e as práticas de alfabetização na escola. In KLEIMAN, A. B. (org). **Os significados dos letramentos: uma perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: mercado das letras, 2008. 294p.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010

MELO. Thiago de. Poema Madrugada camponesa. Disponível em: <https://gilvander.org.br/site/%EF%BB%BFpoesia-madrugada-camponesa-de-thiago-de-mello/>. Acessado em 16 de outubro de 2021.



MOLINA, Mônica Castagna. **Contribuição das licenciaturas em Educação do Campo para as políticas de formação para educadores.** Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 140, p.587-609, jul.-set., 2017.

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helana Célia de Abreu. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p., abr. 2011.

SANTOS, Gilvan. **Letra de música Construtores do futuro.** Disponível em: <https://www.letras.com.br/gilvan-santos/construtores-do-futuro>. Acessado em 16 de outubro de 2021.

SOARES, M. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas.** 2004. Disponível em acesso em 25 de set. de 2021 <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?lang=pt> acesso em 25 de set. de 2021

